



# Jezabel, do culto à Baal à carne sacrificada aos ídolos

*Jezebel, from the cult of Baal to meat sacrificed to idols*

Gilvan Leite de Araújo<sup>[a]</sup> 

São Paulo, SP, Brasil

<sup>[a]</sup> Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

**Como citar:** ARAÚJO, Gilvan Leite de. Jezabel, do culto à Baal à carne sacrificada aos ídolos. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 16, n. 03, p. 422-432, set./dez. 2024. DOI: <http://doi.org/10.7213/2175-1838.16.003.DS03>

## Resumo

A figura de Jezabel surge no primeiro e segundo livro dos Reis como uma rainha da fenícia e promotora do culto ao deus Baal. A aliança entre as duas casas reais por meio do casamento de Jezabel com Acab, rei de Israel, a coloca em cena com a prerrogativa de rainha consorte. Contudo, Jezabel usará das prerrogativas reais para legitimar fortalecer o trono real e promover o culto ao deus Baal. Tal incursão provocará direta reação do Profeta Elias, estabelecendo um confronto direto e violento entre a rainha e o profeta. Em jogo está a hegemonia de Yhwh e Baal. Quem será o deus vencedor neste combate é uma das questões que os livros de Reis apresentam. Por outro lado, no Apocalipse de João, o Ressuscitado condena, por meio de João, a ação de certa profetisa Jezabel de Tiatira, que está induzindo a comunidade local para um processo de sincretismo religioso e paganização dos princípios cristãos. Em sentido oposto à rainha Jezabel e à profetisa Jezabel aparecem as figuras da Viúva de Sarepta (1Reis) e Lídia (Atos dos Apóstolos) como modelos de fidelidades. Aqui, se deseja evidenciar a rainha Jezabel em confronto com Yhwh, no Antigo

<sup>[a]</sup> Pós-Doutor em Teologia Bíblica pela Gregoriana de Roma, e-mail: glaraujo@pucsp.br

Testamento, e a profetiza Jezabel e o seu confronto com Jesus Cristo no Novo Testamento e o paralelismo antagônico de outras duas mulheres, ou seja, a Viúva de Sarepta e Lídia.

**Palavras-chave:** Jezabel. Baal. Livros dos Reis. Apocalipse de João.

### **Abstract**

*The figure of Jezebel appears in the first and second books of Kings as a Phoenician queen and promoter of the cult of the god Baal. The alliance between the two royal houses through Jezebel's marriage to Ahab, king of Israel, places her on the scene with the prerogative of queen consort. However, Jezebel will use royal prerogatives to legitimize strengthening the royal throne and promoting the cult of the god Baal. Such an incursion will provoke a direct reaction from the Prophet Elijah, establishing a direct and violent confrontation between the queen and the prophet. At stake is the hegemony of Yhwh and Baal. Who will be the winning god in this fight is one of the questions that the books of Kings present. On the other hand, in the Apocalypse of John, the Resurrected One condemns, through John, the action of a certain prophetess Jezebel of Thyatira, who is inducing the local community to a process of religious syncretism and paganization of Christian principles. In the opposite direction to Queen Jezebel and the prophetess Jezebel appear the figures of the Widow of Zarephath (1 Kings) and Lydia (Acts of the Apostles), as models of fidelity. Here we want to highlight the queen Jezebel in confrontation with Yhwh, in the Old Testament, and the prophetess Jezebel and her confrontation with Jesus Christ in the New Testament and the antagonistic parallelism of two other women, that is, the Widow of Zarephath and Lydia.*

**Keywords:** Jezebel. Baal. Books of Kings. John's Apocalypse.

---

## Introdução

O tema proposto deseja ser provocativo, pois deseja evidenciar a emblemática figura de Jezabel entre Samaria e Tiatira. Lógico que, no primeiro caso (Samaria), de forma direta e, no segundo (Carta a Tiatira), indireta. Assim, o que levou o Apocalipse de João evocar a figura de Jezabel, e na qualidade profetisa, para a comunidade de Tiatira será o objeto da pesquisa.

Leva-se em conta que o percurso passará pelo reinado de Acab e Jezabel, conforme descritos no primeiro e segundo livro dos Reis. Neste ponto, será feita a relação entre Jezabel e a viúva de Sarepta, na qual transita o profeta Elias. Posteriormente, será apresentado Jezabel na Carta à Tiatira e, também, será estabelecida uma ponte com a figura de Lídia, vendedora de púrpura que se convertera ao cristianismo.

Lógico, transitando entre a narrativa dos livros de Reis e do Apocalipse (mais Livro dos Atos dos Apóstolos) procurar-se-á evidenciar a questão YHWH-BAAL (1 e 2Reis), Fé Cristã e Culto aos Ídolos (Apocalipse de João), buscando compreender quais as características da rainha e da profetisa Jezabel descritas no AT e no NT.

## Jezabel nos Livros dos Reis

Jezabel é descrita nos Livros dos Reis como filha do rei fenício Etbaal, responsável pelas regiões de Tiro e Sidônia. Ela se casou com o rei Acab, da dinastia de Omri, e passou a morar na nova capital, Samaria:

No trigésimo primeiro ano de Asa, rei de Judá, Amri tornou-se rei de Israel, por doze anos. Reinou seis anos em Tera. Depois comprou de Semer o monte Samaria por dois talentos de prata; construiu sobre ele uma cidade a que deu o nome de Samaria, por causa do nome de Semer, proprietário do monte... Acab, filho de Amri, tornou-se rei no trigésimo oitavo ano de Asa, rei de Judá, e reinou vinte e dois anos sobre Israel, em Samaria... Como se não lhe bastasse imitar os pecados de Jeroboão, filho de Nabat, desposou ainda Jezabel, filha de Etbaal, rei dos sidônios, e passou a servir Baal e a adorá-lo. (1Rs 16,23-24.29.31).

Rasimus (2017, p. 109), a partir de Flávio Josefo, informa que Etbaal era rei de Tiro e de Sidônia e a divindade cultuada por ele e por Jezabel era Baal de Tiro (*Ant.* 8.317-318; 9,138).

A História Deuteronomista pinta um quadro totalmente negativo de Jezabel e seu marido (1Rs 18,16-19). Em todo caso, ela é filha de um rei e casou-se com um rei. Neste sentido, ela é uma rainha e proveniente de um berço régio (1Rs 16,31). Nisto se compreende, em certo ponto, a sua habilidade para os negócios de estado. Tal configuração de Jezabel deve ser levada em conta quando a aproximam da ideia de prostituta (2Rs 9,22).

Leva-se em conta que os livros de Reis não a acusam diretamente de prostituição. Na realidade, as duas obras apresentam três relatos que contribuem para tal reputação: a) Jeú repreendeu Jeroboão, filho de Jezabel, exclamando que não poderá haver paz enquanto a sua mãe promover o adultério e a feitiçaria (2Rs 9,22); b) preparando-se para encontrar o sanguinário Jeú, Jezabel se maquiou e arrumou os cabelos (9,30); e c) depois da morte do seu marido Acab, o sangue esparso no carro de guerra dele, teria sido lavado no tanque de Samaria, onde se banham as prostitutas (1Rs 22,38). Neste sentido, a imagem de uma Jezabel promovendo o adultério e a feitiçaria parece ser meramente simbólica e poderia estar relacionada com a concepção de Israel como noiva de Yhwh e culto a outros deuses como infidelidade e prostituição (Os 1,2-3; 2, 4). Não há nenhuma história sobre promiscuidade de Jezabel no Antigo Testamento, bem como a alusão à lavagem do carro de guerra de Acab não possui nenhuma relação com Jezabel (Rasimus, p. 111).

Diante disso, deve-se compreender o que gerou a visão negativa de Jezabel, chamada pelo rei Jeú de "A Maldita" (2Rs 9,34). 1Reis descreve Jezabel em conexão com a acusação levantada contra Acab: "Acab, filho

de Amri, fez o mal aos olhos de Yhwh, mais do que todos os seus antecessores. Como se não lhe bastasse imitar os pecados de Jeroboão, filho de Nabat, desposou ainda Jezebel, filha de Etbaal, rei dos sidônios, e passou a servir Baal e a adorá-lo” (1Rs 16,30-31). A narrativa afirma que Acab procedeu mal “aos olhos de Deus” e, ainda, passou a cultuar Baal após o seu matrimônio com Jezebel. Portanto, existe um mal procedimento do rei que se agrava com o culto prestado a Baal motivado pela esposa.

O agravamento da conduta de Acab diante de Yhwh se dá a partir do momento que o rei manda erigir um altar dedicado a Baal na nova capital, Samaria: “erigiu-lhe um altar no templo de Baal, que construiu em Samaria. Acab erigiu também uma Asherah e cometeu ainda outros pecados, irritando Yhwh, Deus de Israel” (1Rs 16,32-33). Observa-se nesta narrativa a menção sobre um Templo dedicado a Baal na Samaria, no qual Acab constrói um altar e um poste sagrado dedicados à esta divindade. Em todo caso, como afirma Joachimsen, o casamento entre Acab e Jezebel tinha função de estreitar os laços políticos, militares e econômicos com o rei de Tiro e Sidônia (2020, p. 223). Portanto, tratava-se de uma aliança política de interesse comum entre os dois reinos. Além disso, segundo Joachimsen, Jezebel é uma mulher descrita agindo entre figuras masculinas de vários status sociais: seu marido Acab, os profetas de Yhwh, entre eles, Elias, o vinicultor Nabot, seus eunucos e o rei Jeú de Israel (2020, p. 217).

Este contexto de gênero é importante ser observado, pois entra em jogo o papel de uma rainha no Antigo Oriente, principalmente na qualidade de “rainha-mãe”, que lhe confere prestígio e certa autoridade para intervir nas questões de governo. Andreasen observa que o Antigo Testamento faz menção a três rainhas-mães: Jezebel, a única rainha-mãe conhecida em Israel, foi levada tão a sério quanto o rei em visita por dignitários de Judá (2Rs 10,13); Atalia conseguiu usurpar inteiramente o trono em Jerusalém e mantê-lo por cerca de seis anos (1Rs 11); e Nehushta, a rainha-mãe, e o rei Joaquim compartilharam um momento cerimonial em tronos, usando coroas (Jr 13,18). (Andreasen, 1983, p. 180). O exercício de poder real de Jezebel pode ser observado no entrave entre Acab e Nabot sobre a aquisição do vinhedo deste último.

### **A Vinha de Nabot (1Rs 21)**

A narrativa descreve o interesse de Acab pela aquisição da vinha de Nabot localizada ao lado do palácio do rei na Samaria. De fato, ele queria transformar a vinha no jardim do seu palácio (1Rs 21,1-2). Nabot informa ao rei que a terra é herança de seus pais, não sendo possível, portanto, dispô-la (1Rs 21,3).

A problemática da venda de um território se colocava numa questão de posse condicionada da terra, tendo em vista que esta pertencia a Deus que havia cedido, através da Aliança a Israel: “Yhwh me livre de ceder-te a herança dos meus pais!” (1Rs 21,3).

A solução da questão virá por meio de Jezebel, que articulará uma emboscada para que Nabot seja morto enviando uma carta, em nome do rei, aos anciãos e notáveis da cidade, conclamando um jejum e articulando uma cilada, por meio de homens inescrupulosos, que resultará na sua lapidação (1Rs 21,8-14). Após o apedrejamento de Nabot, Jezebel anuncia a Acab a morte do vinhateiro e pede que ele desça para tomar posse da vinha (1Rs 21,15-16).

Diante do ocorrido, Yhwh ordena de Elias ir ao encontro de Acab, enquanto este toma posse da vinha, para anunciar:

Assim fala Yhwh: Mataste e ainda por cima roubas! Por isso, assim fala Yhwh: No mesmo lugar em que os cães lambeiram o sangue de Nabot, os cães lambeirão também o teu... farei cair sobre ti a desgraça: varrerei a tua raça, exterminarei os varões da casa de Acab... Também contra Jezebel Yhwh pronunciou uma sentença: Os cães devorarão Jezebel nos campos de Jezrael. A pessoa da família de Acab que morrer na cidade será devorada pelos cães; e quem morrer no campo será comido pelas aves do céu (1Rs 21,19,21-24)

Acab, diante da sentença, se coloca num processo de penitência, levando Yhwh a poupar-lhe a vida, mas não os da sua casa (1Rs 21,27-29). Assim, tanto os seus descendentes como a esposa Jezabel não serão poupados da sentença divina.

Em todo caso, é digno de nota que o Profeta Elias acusa diretamente Acab, mas não Jezabel pelo ocorrido. A este respeito a narrativa informa: “não houve ninguém que, como Acab, se tenha vendido para fazer o que desagrada a Yhwh, porque a isso o incitava sua mulher Jezabel. Agiu de um modo extremamente abominável, cultuando os ídolos, como fizeram os amorreus que Yhwh expulsara de diante dos filhos de Israel” (1Rs 21,25-26). Jezabel é apenas acusada de incitar o marido a praticar “coisas abomináveis”.

Joachimsen menciona que a narrativa descreve Jezabel restabelecendo a força monárquica diante da fraqueza de Acab. Este acata as orientações de Jezabel, mas será acusado de infidelidade contra Yhwh pelo sangue derramado de Nabot e confisco de sua vinha (2020, p. 226). Porém, a rainha se apresenta como uma estrategista política hábil, capaz de manter a autoridade real, mesmo que a custa de vidas inocentes, pois a situação podia insinuar fraqueza do trono.

Independente da força política que a rainha possa ter, a questão principal em 1Reis é justamente o culto à Baal praticado pela rainha e sua corte proveniente da Fenícia. Tecnicamente uma rainha ao desposar um rei tanto em Judá como em Israel poderia, junto com sua corte, cultivar as suas divindades particulares. De fato, isto é perceptível na descrição das demais rainhas. Contudo, Jezabel parece querer estabelecer Baal como uma divindade nacional gerando direto confronto com o Profeta Elias.

### ***Jezabel e Baal***

Segundo Kaise Jr e Wegner (2016, p. 468-469), é extremamente difícil descrever com exatidão a situação religiosa de Israel durante o IX séc. a.C., principalmente em relação ao período do reinado de Acab (1935, p. 145). Para o autor, os dados variados que encontramos no Primeiro Livro dos Reis são de natureza fragmentária e incerta, consistindo apenas em um pequeno número de tradições principais que ainda dominavam. Este período foi marcado por uma grande atividade religiosa e, no entanto, a documentação que sobreviveu é tão limitada que é difícil apresentar um quadro completo e sincero. Além disso, prossegue Jack, a descrita é proveniente do sul, influenciado pela clara antipatia pelo Reino do Norte. Assim, Israel é visto com desfavor, como tendo sido fundado na adoração do bezerro de ouro (1Rs 12,26-33) de Jeroboão I, um monarca imundo, perverso e apóstata (Jack 1935, p. 146). Neste sentido, os reis de Israel terão um olhar sempre mais negativo do que os do sul.

Nesta perspectiva é que entra em jogo o Templo no qual Acab teria erigido um altar e um poste sagrado:

Como se não lhe bastasse imitar os pecados de Jeroboão, filho de Nabat, desposou ainda Jezabel, filha de Etbaal, rei dos sidônios, e passou a servir Baal e a adorá-lo; erigiu-lhe um altar no templo de Baal, que construiu em Samaria. Acab erigiu também uma Asehrah e cometeu ainda outros pecados, irritando Iahweh, Deus de Israel, mais que todos os reis de Israel que o precederam. No seu tempo, Hiel de Betel reconstruiu Jericó; pelo preço de seu primogênito Abiram lançou-lhe os fundamentos e pelo preço de seu último filho Segub assentou-lhe as portas, conforme a predição que Iahweh fizera por intermédio de Josué, filho de Nun. (1Rs 16,31-34)

Sobre um Templo dedicado a Baal, Emerton (1997, p. 293-294) questiona em que medida Acab tenha construído diretamente com esta finalidade, tendo em vista que seus filhos possuíam nome relacionados com Yhwh e não com Baal (Ocozias, Jorão e Atalia). Ainda, segundo Emerton, analisando vários outros estudos que abordam a questão, duas conclusões a respeito de 1Rs 16,32 surgem: a) Começando pela hipótese

de que o texto hebraico utilizado pelo tradutor tinha *habba'al*, como encontra-se atualmente no TM. Neste caso, como poderia ser explicado a tradução da LXX como um substantivo plural, partindo da concepção de que existia vários *baais*? A favor da visão de que o presente texto é obra de um editor, está o fato de que *habba'al* é geralmente traduzido por Baal. b) Outra hipótese é que, o texto original trazia *elohim* ou uma variante como *elohayw*. Assim surge a questão sobre como teria se originado a leitura *habba'al*? Tendo ao início da narrativa a palavra Baal o escriba poderia ter acidentalmente substituído, na sequência, Deus por Baal. Mas Emerton deixa claro que se trata de hipóteses que não respondem totalmente a relação de Acab com Baal, mesmo concebendo que o uso de *habba'al* possa ser um erro de escrita. (Emerton, 1997, p. 299-300).

Em todo caso, independente do problema suscitado, a narrativa descreve a ideia de uma nova capital construída por Amri (1Rs 16,24). Levando em consideração que Samaria assume a função de nova capital política do Reino do Norte, pensa-se diretamente na construção do palácio real (1Rs 22,39?) e de um templo dedicado à divindade principal do estado. Neste quesito é que se pode ponderar se foi um templo dedicado à Yhwh ou a Baal. Outra questão, ainda, é se de fato tenha existido um templo ou algum santuário. Isto é ponderável, tendo em vista que o texto diz exatamente: “erigiu-lhe um altar no templo de Baal, que construiu em Samaria” (1Rs 16,32). Contudo, como exposto acima, um templo construído a Yhwh ou a Baal é uma questão aberta.

O importante a ser frisado é que o monarca passa a cultuar a divindade sob inspiração da sua consorte, ou seja, a rainha Jezabel. Mesmo que seja sob influência da rainha, a sua responsabilidade é afirmada.

Jezabel é responsabilizada por induzir o rei a um culto estrangeiro, mas a situação acaba sendo atenuada tendo em vista que o Reino do Norte, desde o seu início, está sendo acusado de idolatria. No entanto, o casamento de Acab com Jezabel foi considerado ainda pior do que o antecessor, Jeroboão (16,31), pelo fato de Acab se deixar induzir por Jezabel (21,25), construindo um templo e um altar a Baal em sua capital, Samaria, e erguer um poste sagrado (16,31-33), tendo em vista que a própria Jezabel foi uma ardente defensora de Baal e da deusa Asherah (18,19), bem como perseguiu e matou os profetas de Yhwh (1Rs 18,4.13; 2Rs 9,7) (Rasimus, p. 110). De fato, a literatura veterotestamentária posterior não dará importância à figura de Jezabel.

### ***Viúva de Sarepta (1Rs 17,7-24) O antítipo de Jezabel***

A figura do profeta Elias transita entre duas figuras femininas e ambas da região da Fenícia. A primeira Jezabel e a segunda, Viúva de Sarepta. A Viúva de Sarepta pode ser apresentado como o antítipo de Jezabel.

Como mencionado acima, Jezabel é proveniente de família real e suas características étnicas, religiosas e familiar são descritas (1Rs 16,30-31) enquanto nada é dito a respeito de Elias, a não ser que ele é um Tesbita, por estar residindo na região de Galaad (1Rs 17,1). Além disso, Jezabel é descrita, no Primeiro Livro dos Reis, em combate contra os profetas de Yhwh particularmente com Elias (1Rs 18,3-4.13). Apesar da vitória dos Profetas de Yhwh sobre os profetas de Jezabel, Elias foge em pânico e pedindo a morte (1Rs 19,4). Nota-se que o confronto entre Jezabel e Elias é um confronto entre divindades (Yhwh X Baal). Jezabel atua ativamente contra Yhwh e seus profetas. Ela é fiel à Baal dos Fenícios e deseja promovê-lo em Israel. (Joachimsen, 2020, p. 224)

Antes do confronto entre Jezabel e Elias, este é descrito no território de Jezabel, ou seja, buscando refúgio e alimento na casa de outra mulher da Fenícia, ou seja, uma viúva de Sarepta, região da Sidônia, por causa de um pedido de Yhwh, durante uma temporada de seca (1Rs 17,1-34). Portanto, Elias passa a residir,

como estrangeiro, na Fenícia, na casa de uma mulher viúva, por causa de um período de seca. Johachimsen (2020, p. 224), explicita que o comportamento de Jezabel pode ser comparado ao de Elias. De fato, ambos buscam eliminar os profetas da outra divindade.

Segundo Steenkamp (2005, p. 815), Elias aparece em cena abruptamente e sem aviso prévio, simplesmente como Elias, o Tesbita, sem nenhuma menção ao nome de seu pai, ou mesmo que ele era um profeta de Yhwh, como visto acima. Mas, no final da narrativa, ele será reconhecido como o homem que possui a palavra de Yhwh. Como tal, a autenticidade e a honra de Elias são continuamente verificadas e excluem uma genealogia de Elias com o propósito de retratá-lo como vinculado a Yhwh.

Elias encontra a viúva e seu filho encarando a morte de frente. Contudo, ela crê no oráculo de Yhwh, ou seja, de que suas provisões não se esgotarão até que Yhwh novamente dê chuva na terra, livrando-os assim a eminência da morte. A situação muda, porém, quando o filho da viúva adoece gravemente e acaba morrendo, esta acusa Elias de trazer a desgraça para a sua casa. Após a ressuscitação do jovem, ela declara que Elias era um homem de Deus tendo a palavra de Yhwh em sua boca (Steenkamp, 2004, p. 647).

Wyatt, por sua vez, apresenta a Viúva de Sarepta como uma figura oposta à Jezabel, mesmo sendo ambas da Fenícia (2012, p. 450). Jezabel, que tem fartura, alimenta os profetas de Baal em vez dos cidadãos de Israel. A viúva da Sidônia, sem motivos para confiar e praticamente nada para sobreviver, oferece tudo que possui para profeta de Yhwh. Nesta interpretação, a nacionalidade comum das mulheres cria um paralelo e as suas ações distinguem-nas. Jezabel, a rainha estrangeira, cuida de seu próprio povo às custas de Israel. A Viúva de Sarepta oferece hospitalidade ao estrangeiro Elias com risco potencial para ela e seu filho. (Wyatt, 2012, p. 451)

Embora, de certa forma, o texto separe Jezabel e a Viúva de Sarepta, existe um fio comum que une as duas mulheres. Examinando as duas figuras seria possível evidenciar similaridades e diferenças significativas (Wyatt, 2012, p. 452). Elas estão unidas no que diz respeito à região a qual pertence, mesmo com condições sociais totalmente diferentes, uma é rainha e, a outra, uma pobre viúva, ambas estabelecem contato direto com o profeta Elias, seja rejeitando-o brutalmente ou acolhendo em sua casa. Leva-se em conta ainda que o profeta traz consigo a presença de Yhwh, “maldição” para Jezabel e “bênção” para a Viúva de Sarepta.

## **Jezabel no Apocalipse de João**

A carta dirigida à comunidade de Tiatira no Apocalipse de João descreve certa profetisa cognominada Jezabel (Ap 2,18-29). O nome tende a evocar diretamente a rainha Jezabel, esposa de Acab, dos Livros dos Reis. Lógico que, entre as duas personagens, existe um problema de terminologia, pois a primeira é descrita como profetisa, enquanto a Jezabel do Livros dos Reis é uma rainha. Assim, cabe entender o que o autor da carta deseja expressar evocando a rainha Jezabel e designando-a como profetisa.

Tiatira era uma cidade da Lídia situada num cruzamento de estradas no vale fértil do médio Lico. A cidade tinha sido fundada pelos selêucidas, com função primordialmente militar, tendo uma população que se considerava macedônia. A cidade sob o domínio romano, a partir do sec. II a.C., conhece rápido desenvolvimento, tornando-se metrópole da Lídia. Sabe-se que o próprio Tibério interveio em seu favor junto ao Senado Romano, quando esta foi parcialmente destruída por um terremoto. Mesmo diante de um notável desenvolvimento, permanecia, em matéria judiciária, vinculada a Pérgamo. Somente em 215 d.C., Caracala lhe conferirá independência jurídica (Prigent, 2020, p. 66).

Apesar do seu progresso, ela continuava sendo uma cidade modesta. Tanto que o historiador Plínio, O Velho, a elenca entre as cidades sem grande brilho. Contudo, a numismática e as inscrições demonstram

que era uma cidade muito ativa. Destacando-se as corporações de padeiros, tintureiros, curtidores, alfaiates, oleiros, tecelões, sapateiros, fundidores, especialistas em bronze e cobre. Lógico que a pertença a estas corporações impunha a obrigação de participação na vida social e religiosa, com os seus banquetes sacrificais, com carnes sacrificadas aos ídolos, o que se tornava um problema para judeus e cristãos da época. Mesmo diante desta realidade, encontrava-se uma viva e dinâmica comunidade judaica atuando na cidade no período do Apocalipse. Entre os cidadãos de Tiatira, destaca-se a vendedora de púrpura chamada Lídia, que se converterá ao cristianismo a partir do seu encontro com Paulo na cidade de Filipos (cf. At 16,14). (Prigent, 2020, p. 66)

### **A Carta a Tiatira (Ap 2,18-29)**

A Carta descreve uma comunidade relativamente pequena e, possivelmente, pobre no meio de uma cidade muito rica. Os habitantes de Tiatira estavam vinculados às corporações de ofícios com as obrigações que se impunham.

A narrativa apresenta justamente o tema das carnes sacrificadas aos ídolos. Nela, certa profetisa cognominada Jezabel induz os membros da comunidade a relativizarem a participação nestes banquetes públicos:

Reprovo-te, contudo, pois deixas em paz Jezabel, esta mulher que se afirma profetisa: ela ensina e seduz meus servos a se prostituírem, comendo das carnes sacrificadas aos ídolos. Dei-lhe um prazo para que se converta; ela, porém, não quer se converter da sua prostituição. Eis que vou lançá-la num leito, e os que com ela cometem adultério, numa grande tribulação, a menos que se convertam de sua conduta. Farei também com que seus filhos morram, para que todas as Igrejas saibam que sou eu quem sonda os rins e o coração; e a cada um de vós retribuirei segundo a vossa conduta. Quanto a vós, porém, os outros de Tiatira que não seguem esta doutrina, os que não conhecem “as profundezas de Satanás” - como dizem -, declaro que não vos imponho outro peso. (Ap 2,20-24)

A narrativa acima possui este destaque: “Reprovo-te, contudo, pois deixas em paz Jezabel, esta mulher que se afirma profetisa: ela ensina e seduz meus servos a se prostituírem, comendo das carnes sacrificadas aos ídolos” (Ap 2,20). Analisando a Carta anterior, ou seja, à comunidade de Pérgamo, encontra-se o seguinte: “Tenho, contudo, algumas reprovações a fazer: tens aí pessoas que seguem a doutrina de Balaão, o qual ensinava Balac a lançar uma pedra de tropeço aos filhos de Israel, para que comessem das carnes sacrificadas aos ídolos e se prostituíssem” (Ap 2,14). Portanto, tanto na Carta dirigida a Pérgamo como a dirigida a Tiatira o tema da “carne sacrificada aos ídolos” se repete. No primeiro caso, é citado que existem pessoas que seguem a “doutrina de Balaão” por meio da qual ensinava à comer das carnes sacrificadas aos ídolos e, portanto, se prostituírem, enquanto na Carta a Tiatira se refere à certa profetisa denominada Jezabel que ensina a se prostituir comendo das carnes sacrificadas aos ídolos.

A prostituição nas Cartas dirigidas a Pérgamo e a Tiatira configura o ato de comer das carnes sacrificadas aos ídolos.

Segundo Aune (1997 [52a], p. 203), embora Jezabel seja acusada de prostituições e feitiçarias (2Rs 9,22), não há nada na narrativa dos livros dos Reis que sustente tais acusações, o que sugere tratar-se de uma metáfora diante da recusa do culto a Yhwh. Isto induziria a compreender que a participação num ritual pagão seria comparada com a culto a Baal descrito nos Livros de Reis.

Leva-se em conta que a Jezabel de Tiatira, aparentemente, ocupava uma posição muito influente na comunidade cristã. Segundo Carter (2009, p. 34), Jezabel assume as prerrogativas de mulher, profeta, mestre e liderança. Diante disto, é importante considerar o papel das mulheres em posições de liderança tanto no



judaísmo à época do Novo Testamento, quanto no cristianismo primitivo. É possível que Jezabel fosse uma liderança ou responsável pela comunidade de Tiatira, que se viu em conflito com outras lideranças. Provavelmente, devido a uma tentativa de acomodar as práticas cristãs à cultura circundante, como por exemplo, os banquetes rituais pagãos (Aune, 1997 [52a], p. 203).

Lupieri (1999, p. 129) avalia se a menção à Jezabel seja o nome próprio da profetisa. Coisa que ele considera pouco provável, podendo ser um nome fictício e, até mesmo, a narrativa seja uma espécie de parábola. O autor concebe que exista uma mulher que exerce o ministério de profetisa na comunidade de Tiatira, mas ela estaria na categoria de “falso profeta” ao tentar “enganar” a comunidade, induzindo à idolatria, o que a colocaria no quadro bíblico de prostituta.

Segundo Beale (1999, p. 260-262), tal como Pérgamo, a igreja de Tiatira é acusada de dar rédea solta a um grupo de falsos mestres que influenciavam os membros das comunidades a se comprometerem com aspectos idólatras e/ou morais da sociedade pagã. Além do mais, a referência à mulher e aos seus filhos (2,23) evoca à saudação inicial do autor de 2João à comunidade a qual é dirigida à sua carta: “à senhora eleita e aos seus filhos”. O autor também aproxima alude ao tema de falso profeta no restante do Apocalipse. De fato, no Apocalipse de João, o falso profeta forma uma tríade junto com o Diabo e a Besta (Ap 16,13; 19,20; 20,10). Seguindo a perspectiva de Beale, pode-se evidenciar a existência de mulheres exercendo função de liderança nas comunidades cristãs e, no caso em particular, em Tiatira, esta liderança estaria induzindo os membros da sua comunidade a práticas conciliatórias entres princípios cristãos e pagãos.

Ibarrondo (2001, p. 75-76) destaca que a questão principal não é de gênero, ou seja, pelo fato de ser uma mulher, possivelmente, à frente de uma comunidade, mas por aquilo que ela está realizando. O autor avança para a ideia de uma igreja masculina que pode se tornar uma prostituta ao estabelecer acordo com contravalores do império romano, mas sem perder a hipótese de se tratar de uma liderança feminina na comunidade. Em todo caso, segundo o autor, existe um paralelismo entre Elias e Jezabel, bem como entre João e Jezabel. Neste paralelismo, Jezabel é figura de destaque que exerce negativamente a sua autoridade. Neste sentido, Vanni (2018, p.145) aponta que prostituição (Ap 220-21) e adultério (Ap 2,22) estaria em relação a uma vida materialista e paganizada, segundo os moldes do império romano. Portanto, a profetisa estaria conduzindo a comunidade para um comportamento facilmente orgíaco, próprio dos banquetes sacrificiais e para práticas supersticiosas, totalmente contrário aos princípios cristãos que visavam o homem livre.

## Lídia

Tendo feito menção, anteriormente, à figura da Viúva de Sarepta, relacionando à Rainha Jezabel, ambas da Fenícia, é interessante estabelecer um contato entre duas mulheres de Tiatira. Descreveu-se acima uma Profetisa, denominada Jezabel. Além disso, o Livro do Atos dos Apóstolos menciona o encontro de Paulo com um grupo de mulheres, entre elas uma vendedora de púrpura chamada Lídia, proveniente de Tiatira (At 16,11-15).

A narrativa do encontro de Paulo com Lídia é breve. Menciona-se um grupo de mulheres que se encontram “num lugar de oração” (προσευχή) às margens de um rio em dia de sábado. A palavra προσευχή tanto pode significar uma oração/súplica dirigida [à Deus] como o lugar da oração, particularmente uma sinagoga judaica. Assim, o livro do Atos dos Apóstolos, ao mencionar uma προσευχή em Filipos, estaria se referindo a uma “sinagoga” frequentada por mulheres (At 16,13). Em todo caso, palavra praticamente não é encontrada no grego profano, mas é comumente encontrada em texto judaicos, como nas obras de Filão de Alexandria e Flávio Josefo (Greeven, GLNT, v. III; 1298-1300).

Lídia é descrita como uma empresária, vendedora de púrpura (At 16,14). Portanto, trata-se de uma mulher de certa posição social. Além disso, é descrita como uma “adoradora de Deus” (At 16,14) que se encontra em oração em dia de sábado numa προσευχή.

A narrativa afirma que o “Senhor lhe abriu o coração para colher” (At 16,14), as palavras de Paulo, levando-a a ser batizada, bem como os de sua casa (At 16,15). A narrativa termina com o seu convite a Paulo para que se hospede sem sua residência.

Diferente de Profetisa de Tiatira, do Livro do Apocalipse, Lídia é uma mulher que acolhe o Senhor e hospeda Paulo. Nas duas mulheres transparece o exercício de liderança. A profetisa leva os seus para o caminho do erro, Lídia conduz a sua casa para o acolhimento do Senhor.

Em relação à Rainha Jezabel e a Viúva de Sarepta, pode-se estabelecer um paralelismo interessante. A Rainha e a Profetisa estão em relação antagônica com a Viúva de Sarepta e Lídia, a vendedora de púrpura.

## Conclusão

O nome Jezabel aparece entre Elias (Livros dos Reis) e João (Apocalipse de João). Ambos expressam aversão à figura de Jezabel; ambos estão em situação de desvantagem; ambos são perseguidos e sob perigo de vida. Por outro lado, tanto a rainha como a profetisa Jezabel expressam figuras de liderança e se encontram seguras com suas respectivas autoridades. Ambas são apresentadas induzindo ao erro aqueles que as seguem. A primeira por meio do exercício do poder imperial e pelo culto a Baal, e, a outra, num processo de sincretismo religioso, relativizando a importância da observância dos princípios cristãos. Na realidade, Elias e João não questionam a posição ocupada por Jezabel, mas o uso da autoridade de modo nefasto, conduzindo aqueles que estão sob suas respectivas autoridades ao erro (Vanni, 1018, p. 144-145).

Elias e João são figuras representativas de fidelidade. Elias, na qualidade de Profeta do Zelo, e João, na qualidade de Discípulo Fiel, arriscam suas próprias vidas pela verdade que professam.

No que diz respeito ao objeto de infidelidade da rainha Jezabel e da profetisa, encontra-se a figura de Baal (primeiro caso) e culto aos ídolos (segundo caso). Enquanto a rainha busca a supremacia de Baal sobre Yhwh, a profetisa relativiza o culto cristão.

Tanto Elias como João entram em direto confronto descrevendo que o verdadeiro e único Deus é Yhwh (primeiro caso) e que este culto ao único Deus não é passível de relativização (segundo caso).

O confronto de Jezabel (rainha/profetisa) com Elias e João, aponta para outras duas mulheres: a Viúva de Sarepta e Lídia, a vendedora de Púrpura. Estas duas se apresentam como modelos daqueles que acolhem os enviados de Deus (Elias/Paulo) e suas mensagens.

## Referências Bibliográficas

CARTER, Warren. Accommodating “Jezebel” and withdrawing John: Negotiating Empire in Revelation then and now. In: Interpretation, v. 63, n. 1, p. 32-47, 2009.

GREEVEN Heinrich. προσεύχομαι. In: KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. (Org.). Grande Lessico del Nuovo Testamento. Brescia: Paideia, 1981. p. 1294-1300. v. III.

JOACHIMSEN, Kristin. Jezebel as Voiced by Others in 1 and 2 Kings. In: Die Welt des Orients. V. 50, n. 2, p. 216-233, 2020.

KAISE JR., Walter C. & WEGNER, Paul D. *A History of Israel. From the Bronze Age through the Jewish Wars*. Nashville, Tennessee: B&H Academic 2016.

LUPIERI, Edmondo. *L'Apocalisse di Giovanni*. Milano: Fondazione Lorenzo Valla – Arnoldo Mondadori Editore, 1999.

PRIGENT, Pierre. *O Apocalipse de São João*. São Paulo: Edições Loyola 2020.

Ibarrondo, Xavier Pikaza. *Apocalisse*. Roma: Borla, 2001.

STEENKAMP, Yolande. King Ahaziah, the widow's son and the theology of the Elijah Cycle: A comparative study 1. In: *Old Testament Essays*, v. 17, n. 4, p. 646-658, 2004.

STEENKAMP, Yolande. King Ahaziah, the widow's son and the theology of the Elijah Cycle: Employing ancient social values in a comparative reading. In: *Old Testament Essays*, v. 18, n. 3, p. 811-825, 2005.

VANNI, Ugo. *Apocalisse di Giovanni*. Secondo volume. A cura de Luca Pedroli. Assisi: Cittadella Editrice, 2018.

WYATT, Stephanie. Jezebel, Elijah, and the Widow of Zarephath: A Ménage à Trois that Estranges the Holy and Makes the Holy the Strange. In: *Journal for the Study of the Old Testament*, v. 37, n. 4, p. 435-458, 2012.

---

RECEBIDO: 29/06/2024  
APROVADO: 09/10/2024

RECEIVED: 06/29/2024  
APPROVED: 10/09/2024